



A PRESENÇA DA MORTE E DA VIDA EM *MORTE E VIDA SEVERINA*: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICAS

(The presence of death and life in *Morte e Vida Severina*: some theological considerations)

Sonia Maria Dornellas Morelli*

Pós-graduanda em Teologia

E-mail: soniadmorelli@gmail.com

Ivanil Pereira da Silva (orientador)**

Mestre pela Pontifícia Universidade de Roma

E-mail: ivanilpds@uol.com.br

RESUMO:

Após conhecer um pouco a Tanatologia e a Escatologia, surgiu a ideia de analisar a obra “Morte e vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, e os diferentes aspectos da morte e da vida. Estudiosos que escreveram sobre a situação humana e a contingência da morte foram consultados para um embasamento teórico consistente. O Catecismo da Igreja Católica e a Bíblia Sagrada foram usados também. Após introdução, o artigo apresenta a análise do poema detalhando os diferentes meandros em que figuram a morte. Além do embasamento teórico, há um cotejo entre o poema e as teorias. Constatam, ainda, considerações a respeito da situação humana que, apesar de professar uma fé, ora torna-se objeto, ora sujeito do que lhe é inusitado.

Palavras-chave: Escatologia; Morte/Vida; Agir Cristão; Tanatologia; Bíblia Sagrada.

ABSTRACT:

After knowing a little about the Thanatology and Eschatology, arose the idea of returning the literary work *Morte e vida Severina*, by João Cabral de Melo Neto, to analyze the different aspects of death and of life. Scholars on the subject were consulted for a strong theoretical foundation. The Catechism of the Catholic Church and the Holy Bible were used too. After a brief introduction, this article presents a literary analysis of the mentioned poem with a detailed study about the different aspects of the death. Besides a theoretical foundation, there is a comparison between the analyzed poem and the informed theories. Finally, there are some considerations regarding the situation of the contemporary human being, despite professing a faith, becomes an object at times, and subject of what is unusual in other times.

Keywords: Eschatology; Life/Death; Christian action.

INTRODUÇÃO

Ao se escrever, é possível oferecer o testemunho de nosso tempo e de nossa gente, para agora e para depois. Pode-se escrever como que dizendo, de certa maneira “Estamos aqui, aqui estivemos: somos assim, assim fomos”.



Eduardo Galeano¹

Falar sobre a morte é sempre um campo objetivo por se tratar de uma verdade incontestável, quando se trata de um ser vivente. Afinal, a partir do momento em que nascemos, teoricamente, começamos a morrer. Por outro lado, é um campo extremamente subjetivo porque esta passagem da vida para a morte sofre uma série de questionamentos e suscita estudos de cunho científico em várias áreas. Na verdade, sabemos que morreremos, mas o tema é velado. Parece que não se deve falar sobre a morte. É como se o morrer fosse acontecer com os conhecidos, parentes, nunca conosco.

Por essas razões, é preciso ampliar horizontes, criar diálogo com os diferentes campos do conhecimento - sociológico, filosófico, teológico – com olhos humanos no verdadeiro sentido das palavras, para que, refletido e digerido, o elemento morte seja colocado no seu devido lugar.

Na contemporaneidade, cresce o interesse multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar entre as ciências e isso pode ajudar a entender melhor a trajetória humana. A filosofia, a religião e a teologia se debruçam sobre o sentido antropológico e cultural e vasculham o conhecimento passado para que se consiga um respaldo empírico que explique os mistérios que encerram a humanidade e ultrapassam a consciência.

O ser humano é um todo e a ele se atribuem sentidos invisíveis e transcendentos. Os judeus acreditavam que os mortos desciam ao *sheol*, a moradia dos mortos. Para eles, um dia, os merecedores seriam arrancados por Deus para outra vida e os outros permaneceriam ali para sempre, assim relata o livro de Daniel².

No segundo livro de Macabeus³, na fala dos filhos e da mãe, é certa a vida eterna que virá em plenitude. O terceiro irmão, inclusive, afirma que poderá perder os membros (superiores e inferiores) na vida mundana, mas de Deus os receberá, um dia, de novo (7,11). Desde o Antigo Testamento, a ressurreição é a maior vitória sobre a morte. Os cristãos herdaram esta mesma fé, que foi confirmada em Jesus Cristo, o Deus Filho, que venceu a morte por sua ressurreição. São Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios, dedica o capítulo 15⁴ a este tema. Fala sobre a necessidade da ressurreição de Jesus, penhor da nossa ressurreição, e argumenta como será a ressurreição dos mortos.

Apesar de todo o conhecimento religioso, se conseguíssemos pensar no elemento morte como fato certo e garantido, pode ser que não houvesse tanta tristeza quando se perde um ente querido, ou quando alguém adoece e não há como recuperar-se de algum mal. Por causa das dificuldades em lidar com determinadas situações relativas à morte, pela certeza de que, em algum dia, em hora e data desconhecida, vamos morrer pelo fato de a morte ser condição de vida, é preciso penetrar neste contexto e, amparados pela fé, buscar luzes provenientes da Teologia.

Vivemos uma época em que a antropologia, centrada em si mesma, contracultural, procura exorcizar todas as circunstâncias que geram ou levam à morte ou a algum sofrimento: ela “não quer pensar, não quer ver, não quer assumir como caminho inexorável na trajetória histórica de cada um de nós”, o fato morte⁵.



Hutcheon, quando procura definir o momento pós-moderno, afirma:

Ele costuma ser acompanhado por um grandioso cortejo de retórica negativizada: ouvimos falar em descontinuidade, desmembramento, deslocamento, descentralização, indeterminação e antitotalização. O que todas estas palavras fazem, de forma literal (exatamente com seus prefixos, que negam o compromisso – *des, in e anti*), é incorporar aquilo que pretendem contestar – conforme o faz, suponho, o próprio termo *pós-modernismo*. O pós-modernismo é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia – seja na arquitetura, na literatura, na pintura, na escultura, no cinema, no vídeo, na dança, na televisão, na música, na filosofia, na teoria estética, na psicanálise, na linguística ou na historiografia.⁶

A Igreja e as demais religiões não ficam imunes a tal fenômeno. Esses prefixos incorporam, impregnam a vida atual, ora negando, ora questionando. No pós-modernismo, observa-se uma reelaboração crítica sem nostalgia. Não há uma nova postura perante os fatos da vida; há uma busca de diálogo nos caminhos da fé. Na verdade, vive-se não a dissolução de valores ou da cultura, e sim um abrir espaço a teorias, ideias que, por um motivo ou outro, ficaram como que adormecidas em detrimento das cultivadas.

Em relação à prática da religião, o elemento morte é tema central no cristianismo; subsidiadas em tal elemento, gravitam todas as realidades cristãs, pois ele está ligado ao “evento pascal de Cristo, do qual emerge a ressurreição, que é pedra de toque e verdade de fé.”⁷ A ressurreição de Jesus abre-nos portas fundamentais para todo o pensar teológico, no que diz respeito a este assunto.

Quando Jesus, encarnado por meio de Maria, feito homem, assumiu a morte como mistério inevitável de todo ser humano na Terra, deu sentido à vida e à morte do ser humano. “Por causa dEle, o sofrimento torna-se um canal para Deus. Todo sofrimento, por causa do sofrimento de Jesus, contém uma semente de vida e de eternidade.”⁸

Afirma Rahner⁹ que, se consideramos o ser humano como “absoluta transcendência orientada para Deus, o ‘antropocentrismo’ e o ‘teocentrismo’ da teologia não se contradizem, mas formam rigorosamente uma única e mesma coisa (expressa a partir de dois pontos de vista)”.

Por isso, analisar os diversos elementos da morte e da vida no poema *Morte e vida Severina* de João Cabral de Melo Neto¹⁰, sob esta ótica, pode trazer novas luzes para um evento tão natural e pessoal, uma vez que a morte, transvestida na natureza, denuncia a situação socioeconômica do nordeste brasileiro; denuncia a indústria da seca e a situação do latifundiário. Os encontros do retirante com diversos enterros e velórios escancaram a situação de vida/morte que ronda determinadas regiões brasileiras. Além desses, no Recife, capital do estado, a vida/morte nos manguezais apodrecidos nas margens do rio Capiberibe parecem traduzir o que há de incógnita no perambular do migrante em busca de vida.



Mas há vida: o verde da Zona da Mata anima o retirante a assentar lugar por ali, ainda que não veja ninguém. Para ele é “uma terra doce/ para os pés e para vista”. A metáfora remete à alegria de poder presenciar o milagre do nascer na natureza, por isso “doce”, não só para alegria dos pés que ajudam no cultivo da terra e espiam a semente, mas para os olhos que sentem a bênção de Deus quando brota a semente. Outra conotação bela é chamar a terra de “feminina”, pelo fato de ser fértil. Ao referir-se aos possíveis moradores do local, acredita que ali a vida é “tão fácil, tão doce e rica” que não precisam trabalhar “todas as horas do dia/ os dias todos do mês,/ os meses todos da vida.” Eis a denúncia do tipo de vida que leva o pequeno agricultor no sertão nordestino.

Há vida, também, na presença da solidariedade humana frente à morte. O ato de velar o defunto, prestar homenagem relatando seus feitos em vida, cantar-lhe “excelências”, mostra a relação fraterna existente entre os que passam pelas mesmas misérias humanas, sociais e políticas. Na cena oito, nas palavras dos amigos que levam o defunto, fica clara a situação do falecido: “Esta terra em que estás,/ com palmos medida,/ é a conta menor/ que tiraste em vida. (...) é a parte que te cabe/ deste latifúndio”. Isto é, o único pedaço de terra a que tem direito assegurado.

Faz presente a vida, paradoxalmente, nesta mesma cena, quando se fala a respeito da cova do defunto e da forma de trabalho: “Trabalharás uma terra/ da qual, além de senhor,/ serás homem de eito e trator”. Esta é a condição a que tem direito o morto. Além disso, “serás semente, adubo, colheita.” Eis a realidade irônica que cerca o vivente agreste que, na vida, só conseguiu o trabalho do eito. Na morte, livra-se dos tormentos terrenos a que todo ser humano está sujeito.

Há vida na solidariedade dos vizinhos no nascimento da criança, no acolher aquele que vem. É neste contexto, entrecortado de morte e vida, que se desenrola o fio narrativo do poema, miscigenando morte e vida, respingando a falta de dignidade humana que, passa impune, não só no sertão nordestino, onde a “vida é severina”, mas em grande parte do país. É neste contexto que o descaso político, o viver-por-si torna-se tão real e denuncia a falta de tudo. É a cultura do “menos, do não” que impera o sertão e conduz um povo que, apesar da situação, demonstra ter entendido a lição do reino, independente de religião.

Subsidiado por literatura pertinente, este trabalho procura, também, alertar para a falta de coerência entre o rezar e o agir que, infelizmente, grassa em grande parte dos cristãos e urge ser banido de nossas práticas para que o Reino de Deus esteja presente entre nós.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA

A estrutura do poema segue a tradição dos autos medievais, faz uso de ritmo e musicalidade, aspectos próprios do gosto popular, lembrando a literatura de cordel.

Das dezoito cenas, nas doze primeiras, é dada ênfase à temática da morte. As demais ressaltam a vida, em cenas poéticas belíssimas. Na cena sete, quando o retirante chega à Zona da Mata e pensa em interromper a viagem e ali estabelecer morada, apesar da vida na natureza, ele acaba assistindo a um enterro de um trabalhador.



Em toda a linha narrativa do poema, há dois movimentos nominados no título: “morte” e “vida”. O autor transita do substantivo próprio “Severino” ao adjetivo “severino”, denunciando a opressão imposta pelo latifundiário imperante na época.

A história narra a condição de um retirante nordestino - um dos muitos severinos – que foge da seca e da miséria, em direção a Recife, tendo como referência de caminho o rio Capibaribe e o “rosário” de vilarejos que o margeiam. Ele caminha em direção ao mar, atravessa regiões típicas dos estados nordestinos: o Sertão, o Agreste, a Zona da Mata, até chegar à cidade litorânea.

Por todo o trajeto, só encontra a morte – presença anônima e coletiva – que leva “severinos” como ele, e devassa a natureza, pois até o rio está seco em determinada região. O autor chama a atenção para a confiança humana e sua capacidade em resolver problemas; por duas vezes, Severino tenta interromper a viagem e procura trabalho ali onde se encontra, mas não consegue.

O autor aborda a injusta distribuição de riquezas – em especial no que diz respeito à questão agrária – que caracteriza há séculos a sociedade brasileira. Quando se refere ao coronel: “por causa de um coronel/ que se chamou Zacarias/ e que foi o mais antigo/ senhor desta sesmaria”, Melo Neto faz uma alusão às origens dos problemas agrários brasileiros, o monopólio latifundiário.

Ao chegar a seu destino, ouve a conversa de dois coveiros e fica sabendo que ali também impera a morte e a miséria. Desolado, dirige-se a um dos cais do rio Capibaribe, e pensa em findar com a vida. Um dos moradores do mangue, Seu José, Mestre Carpina, aproxima-se dele e, com sabedoria de “vida Severina”, tenta entender o que se passa com o migrante. Nisso, Seu José é chamado por uma vizinha que lhe avisa sobre o nascimento de seu filho. A criança é o signo de que algo resiste à constante negação da existência.

O ser humano, sempre em construção, aprende com as experiências pelas quais vai passando. Consoante à significação que a pessoa dá ao seu existir, é o enfrentamento com a morte. No caso de Severino, acostumado ao “menos”, até na justificação da origem do nome, observa-se a aceitação das misérias que o circundam; em forma de monólogo, anuncia a morte como fator corriqueiro: “E se somos Severinos/ iguais em tudo na vida,/ morremos de morte igual,/ mesma morte Severina”. E, a partir daí, desfia os vários tipos de morte: “de velhice antes dos trinta”,/ de emboscada antes dos vinte, / de fome um pouco por dia/ (de fraqueza e de doença/ é que a morte Severina/ ataca em qualquer idade,/ e até gente não nascida.)”.

A presença da morte inicia-se na segunda cena. Trata-se de um defunto, vítima do latifúndio criminoso: “esta morte foi matada/ numa emboscada”. Quando o sertanejo questiona o motivo, um dos homens que carregam o defunto afirma: “Ter uns hectares de terra,/ irmão das almas,/ de pedra e areia lavada/ que cultivava”. No diálogo não se fala do mandante do crime abertamente; numa linguagem conotativa, as ações são delegadas à “espingarda” - sujeito da ação. O retirante pergunta: “o que acontecerá/ contra a espingarda?” E ouve a resposta: “Mais campo tem para soltar,/ irmão das almas,/ tem mais



onde fazer voar/ as filhas-bala”. Isto é: o assassino continuará impune, matando para ampliar suas terras.

A morte aparece, também, na natureza; o rio Capibaribe – guia de Severino, secou: “Vejo que o Capibaribe,/ como os rios lá de cima,/ é tão pobre que nem sempre/ pode cumprir sua sina”. A seca, impune ou não, faz-se presente na aceitação do retirante.

Na quarta cena, ao aproximar-se de um casebre, estão cantando “excelências” para um morto. “Excelências” são cantigas rezadas que nomeiam o tipo de vida e de morte que teve o defunto, além de exaltar as suas qualidades. Há todo um cerimonial para que elas se realizem. Ainda hoje, no sertão e em alguns locais do Vale do Paraíba, se pratica este costume. Nas palavras cantadas, há denúncia da negação reinante na vida sertaneja agreste: a morte é ativa, festiva: “Desde que estou retirando/ só a morte vejo ativa,/ só a morte deparei/ e às vezes até festiva;/ só morte tem encontrado/ quem pensava encontrar vida”. E a vida, a pouca que há é “severina”, cheia de coisas de não: “fome, sede, privação”.

No diálogo entre ele e a mulher na janela, na sexta cena, mais uma constatação: o único trabalho existente no local é em relação à morte: “sabe benditos rezar?/ sabe cantar excelências,/ defuntos encomendar?/ sabe tirar ladainhas,? Sabe mortos enterrar?”. É a logística da morte, que virou moeda de troca, opção de trabalho para se ganhar o pão de cada dia.

Outro tipo de morte aparece na oitava cena; um trabalhador braçal, de oito alheio. Nos comentários dos amigos que levam o defunto para ser enterrado, fica a denúncia do trabalho árduo que mina a vida: “Esse chão te é bem conhecido/ (bebeu teu suor vendido)./ Esse chão te é bem conhecido/ (bebeu o moço antigo).”

A presença da morte persiste no caminho do retirante que, ao chegar a seu destino – Recife – encosta-se a um muro para descansar. É muro de um cemitério. Dentro, dois coveiros conversam e não sabem que são ouvidos. No diálogo dos dois, Severino constata o que acontece com a gente do Sertão: “E esse povo lá de riba/ de Pernambuco, da Paraíba,/ Que vem buscar no Recife/ poder morrer de velhice,/ encontra só, aqui chegando/ cemitério esperando./ Não é viagem o que fazem,/ vindo por essas caatingas, vargens;/ aí está o seu erro:/ vêm é seguindo seu próprio enterro”.

O retirante, decepcionado, constata que o próprio enterro seguira até então. Resolve apressar a própria morte: “O morto ainda está com vida”, e segue em direção a uma ponte perto dos mangues. É quando um senhor – Mestre Carpina – aproxima-se dele e, no diálogo entre os dois fica clara a decisão de Severino: Seu José, mestre carpina,/ que diferença faria/ se em vez de continuar/ tomasse a melhor saída: a de saltar, numa noite,/ fora da ponte e da vida?”. A conotação delegada ao verbo “saltar” sublima o ato de suicídio.

Neste contexto de morte, aparece a mulher anunciando o nascimento do filho do Mestre. Este fato é todo referendado no texto, pois é a presença da Vida que chega. O autor



apresenta este evento com maestria inigualável. Até a natureza se enfeita para receber o recém-nascido. O nascer é uma festa: “Todo o céu e a terra/ lhe cantam louvor”.

A emoção dos vizinhos é transferida para a natureza em forma de prosopopeias: “bando de maruins” (tipo de mosquito-pólvora) “não irradia”; este rio de “água cega” hoje “enfeitou-se de estrelas”. Os presentes são ofertas do pouco que têm aqueles que por ali vivem, e são apresentados com alegria: “somente o leite que tenho”, “papel de jornal/ para lhe servir de cobertor”, “água de Olinda”, “bolacha d’água”, “canário-da-terra”, “boneco de barro”, “pitu”, abacaxi”, “goiamuns”, dentre outras especiarias do local.

Na descrição do bebê, observa-se a morte *versus* a vida: “é uma criança pequena/ enclenque e setemesinha”, mas como todo recém-nascido é “Belo porque é uma porta/ abrindo-se em mais saídas/ (...)/ Ou como o caderno novo/ quando a gente o principia”.

É, a partir deste evento que Seu José argumenta que a vida respondeu “com sua presença viva”, à pergunta de Severino; “mesmo quando é uma explosão/ como a de há pouco, franzina;/ mesmo quando é uma explosão/ de uma vida severina”, vale a pena viver.

2. CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICAS

Para a realização deste artigo científico, faz-se necessário um levantamento dos aspectos mais importantes a respeito da morte, da vida e da condição social na obra para cotejo com documentos e obras que versem sobre o assunto. Vamos a eles.

Nas situações de morte: um assassinato e duas outras com motivos não identificados, o que chama a atenção é a presença da consciência solidária: na primeira, os dois carregadores do defunto enfrentam uma longa estrada para oferecer lugar digno ao morto – um cemitério. Na cena quatro, outro encontro com a morte, estão cantando “Excelências” para o defunto e, na cena oito, quando assiste ao enterro de um trabalhador de oito, as metáforas denunciam a vida parca, em detrimento do descanso do corpo junto à cova na terra.

O fator morte não é lamento; torna-se condição de sossego, fim de luta: “estarás mais ancho/ que estavas no mundo”; “Será de terra/ tua derradeira camisa:/ Te veste, como nunca em vida”; “Despido vieste no caixão,/ despido também se enterra o grão./ De tanto te despiu a privação/ que escapou de teu peito a viração”.

É como se o autor tentasse sublimar as cenas de morte por meio da solidariedade, buscando encontrar algo de bom, que vale a pena, algo em que se apegar. Assim, a morte deixa de ser perda irrevogável; passa a ser, inclusive, saída: voltar a fazer parte da terra, voltar às origens é cumprir um caminho temporal de maneira digna. Isso denuncia que, na morte, independentemente da classe social, quando há solidariedade, a piedade e o respeito ao ser humano são latentes. É como se a preparação para a vida eterna que passa da matéria ao coração já se fizesse presente.



Montagna¹¹, ao falar sobre os princípios da ética agostiniana afirma: “A ordem do amor é a perfeita justiça”. Isso quer dizer que, apenas quando o ser humano ama por livre vontade, “de acordo com a ordem natural e eterna que o próprio Deus imprimiu no interior de todas as criaturas”, está vivendo a autêntica ordem do amor. E é esta virtude que “mesmo em meio às diversidades desta vida que perturbam a paz, permite-nos usar ordenadamente os bens e até os males deste mundo”, o que garante a Paz verdadeira, ansiada por todos. É o que transparece no poema.

O cuidado com o outro, não só nos episódios relativos à morte (levar o defunto para ser enterrado em um cemitério, cantar as Excelências, as palavras dos amigos que velam o defunto), mas também no nascimento da criança, os vizinhos ofertam o que têm de valioso, partilham coisas e sentimentos principalmente. É por isso que, mesmo tendo uma vida severina, conseguem visualizar razões para viver com dignidade.

Apesar da mísera situação de vida do sertanejo, ele é possuidor de “uma moral interior voltada para a reta escolha das coisas a serem usadas e das coisas a serem fruídas”. O pensamento cristão é nutrido por esta interiorização da moralidade que busca “na consciência e em sua relação com a verdade o caminho para a compreensão de nossa liberdade”¹².

Da mesma forma, quando Maria e José levaram Jesus para apresentá-lo no templo, Simeão – homem justo e piedoso, diz que os seus olhos estavam vendo a salvação que Deus havia preparado para todos os povos, “como luz para iluminar as nações”. É ele que prevê que uma espada transpassará a alma de Maria¹³. Além dele, a profetisa Ana louvava a Deus e falava de Jesus a todos que esperavam a libertação de Israel¹⁴.

Pe. Leo¹⁵, ao falar sobre a condição humana no enfrentamento da morte argumenta: “A morte nos torna iguais”. Ela faz com que todos os seres humanos “se encontrem absolutamente iguais”, neste momento único e particular. Mas faz uma observação: “nós deixamos rastros, as nossas obras nos seguem”. Quanto mais nos humanizamos, mais vínculos deixamos; isto é, cria-se o Céu ainda nesta terra. Ao observarmos as relações entre as pessoas, no poema, há vínculos perenes; isto é outro motivo que torna o nascimento de uma “vida severina” tão festivo. O que dá sentido à vida cria horizontes na morte.

Para Färber¹⁶, toda vida tem sua plenitude; é “como acontece com a saída do útero materno, de uma vida mais estreita passa-se para uma vida mais ampla, sem negar a condição de vida anterior, enriquecendo e potencializando cada aspecto que já fazia parte integrante de seu existir”. Na “vida severina” não é diferente, o viver em meio a tribulações e numa condição de “não e menos”, molda o ser humano para a espera escatológica de algo que vai além desta vida. “Esta é a esperança (vida no além) e a certeza (a fé nos assegura) que a expectativa cristã” nos apresenta a respeito da ressurreição.

O Papa Paulo VI, no documento *Gaudium et Spes*¹⁷, argumenta que o mistério humano só se torna claro no mistério do Verbo encarnado. “É certo que a necessidade e o dever obrigam o cristão a lutar contra o mal através de muitas tribulações e a padecer a morte.



Mas, associado ao mistério pascal, configurado à morte de Cristo e fortificado pela esperança chegará à ressurreição.”. A festa do nascimento da criança nos mangues do Recife e a brandura dos vizinhos em saudar o recém-nascido ratificam esta certeza, ainda que o texto nem toque neste assunto.

Quando se questiona a respeito do tipo de vida que muitos irmãos levam em lugares periféricos e, muitas vezes, isolados, como é o caso na obra em estudo, é preciso ter em mente que devemos dizer não “à economia da exclusão e da desigualdade social”, pois isso mata: o poderoso engole o mais fraco, a indiferença cria a falta de perspectivas e a ganância empedra. O ser humano passa a ser considerado como “bem de consumo que se pode usar e, depois, lançar fora”; apesar de gente não fazer parte do descartável¹⁸.

Em um mundo no qual a competitividade e a lei do mais forte prevalecem, é preciso que a voz do cristão se faça ouvir. Alerta o Papa Francisco¹⁹, ao falar sobre os desafios do mundo atual: “Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas duma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são ‘explorados’, mas resíduos, ‘sobras’”.

E, continua alertando o mesmo autor: é preciso dizer não à “globalização da indiferença” que banaliza a miséria humana, ensurdece os clamores alheios: e prega que os problemas dos outros são dos outros. “A cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de perdermos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma.”.

Quando se reflete sobre alegria, amor e paz, é preciso lembrar que estes sentimentos e estados humanos são construídos no dia a dia, “na busca duma ordem querida por Deus” e devem surgir como frutos de desenvolvimento integral de todos.”²⁰.

O documento de Aparecida²¹, quando comenta sobre o reino de Deus e a promoção da dignidade humana, lembra que, na luta contra a desigualdade, não podemos nos deixar levar pelos ídolos do poder, da riqueza e do prazer efêmero. Tais conceitos não podem ser critérios decisivos na organização da sociedade. É só observarmos a Criação divina; “o Criador, ao colocar a serviço do ser humano tudo o que foi criado, manifesta a dignidade da pessoa humana”.

O Papa João Paulo II, em sua exortação Apostólica *Ecclesia in America*²², advertiu que converter-se ao Evangelho “significa revisar todos os ambientes e dimensões de sua vida, especialmente tudo o que pertence à ordem social e à obtenção do bem comum”. Este argumento reitera a necessidade de rever a situação de miséria e pobreza em que vivem determinados povos, não só no Brasil, mas em todo mundo.

Ao escrever sobre a justiça, Montagna²³ argumenta que “é somente quando o homem ama, por sua livre vontade, de acordo com a ordem natural e eterna que o próprio Deus imprimiu no interior de todas as criaturas, estará vivendo a autêntica ordem do amor”.



São Paulo²⁴ dedica um capítulo inteiro para falar sobre a excelência da Caridade na vida do ser humano. Embora afirme que, por ora, “vemos como por um espelho, confusamente” e, no futuro, “veremos face a face”, ele termina o capítulo dizendo que das três virtudes – fé, esperança e caridade – “a maior delas é a caridade”.

Todos os seres humanos, independentemente de raça, cor, nacionalidade, são regidos, juridicamente, por Leis que lhes concedem direitos e deveres, tanto no âmbito pessoal quanto no social. Dessas, depende o bom funcionamento de toda a sociedade. Mas quando se historicizam os caminhos que fornecem luzes sobre todas as Leis humanas, deparamo-nos com Leis denominadas Morais ou Naturais que, com poder legítimo, acompanham o ser humano nas mais remotas idades.

Se a Lei Constitucional é uma regra de comportamento promulgada por autoridade competente, tendo em vista o bem comum, a Lei Moral ou Direito Natural “supõe a ordem racional estabelecida entre as criaturas, para seu bem e em vista de seu fim, pelo poder, pela sabedoria e pela bondade do Criador”. Isso quer dizer que da Lei Moral ou Natural emanam orientações interiores infundidas pelo Criador, que devem nortear nosso comportamento cristão em todos os sentidos e situações. Nossos princípios éticos devem ser regidos pelas fontes bíblicas e pela Tradição da Igreja. Os Mandamentos da Lei de Deus são nosso Norte.

Quando se estuda sobre o ser pessoa, percebe-se que urge a necessidade de se cultivar a espiritualidade em lugar da devoção centrada em si mesma. Quando refletimos sobre nossa postura cristã, é preciso ter claro que o rezar deve ser preliminar para o agir. Este sim deve ser nossa meta.

Os meios de comunicação, na contemporaneidade, têm seu momento de glória e, assustadoramente, geram um mundo superpovoado, mas cada vez mais solitário se encontra o ser humano. Se a vida humana deve seguir em quatro direções: EU – NÓS – O MUNDO – O TRANSCENDENTE, hoje, em nome do medo, das preocupações mundanas, impera o individualismo rodeado pelo hedonismo e pelo egocentrismo. Um exemplo bem comum é pensar no pequeno número de voluntários que atuam em qualquer instituição.

Jesus, o Cristo, não é modelo apenas de fé, mas de vida. Sua passagem por este mundo deixou arraigada uma certeza: é preciso praticar o amor filial em todas as suas dimensões. Mas só o pratica quem o alimenta na oração, encontro pessoal e intenso com o Pai. Para isso é necessário nos esforçarmos para compreender a imensidão do amor de Deus pela humanidade.

A religião não é “uma intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional”. A fé autêntica não é cômoda e nem individualista. Dela emana um profundo desejo de melhorar o mundo, transmitir bons valores, além de uma necessidade de “deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela”. Só assim seremos capazes de professar uma fé autêntica. É preciso ter claro: “A terra é nossa casa comum e todos somos irmãos.”²⁵



Se o projeto de Deus é que todos nós vivamos como irmãos e irmãs, é preciso cultivar a piedade e a misericórdia. Por meio da oração pessoal e comunitária, com certeza, Ele derrama em nossos corações o amor e a graça que nos capacitam a testemunhar o amor de Jesus em obras.

Pagola, ao falar sobre a vida dos discípulos após a ressurreição de Jesus, nos lembra de que é preciso “voltar à Galileia”, pois é preciso viver os ensinamentos de Jesus:

... viver curando os que sofrem, acolhendo os excluídos, perdando os pecadores, defendendo as mulheres e abençoando as crianças; é preciso fazer refeições abertas a todos e entrar nas casas anunciando a paz; é preciso contar parábolas sobre a bondade de Deus e denunciar toda religião que vá contra a felicidade das pessoas; é preciso continuar anunciando que o reino de Deus está próximo.²⁶

CONCLUSÃO

Rahner²⁷, quando disserta sobre a situação humana em relação à Teologia da Encarnação, o devir de Deus, afirma que o ser humano “é eternamente o mistério de Deus expresso no afora-de-Deus que, para sempre, participa do mistério do seu fundamento”. É “mistério insondável” e, como tal - para se conhecer melhor nossas origens e destino - é preciso penetrar “na intimidade mesma da bem-aventurada obscuridade de Deus”. Pela fé em Cristo, Deus está exatamente onde estamos. Daí a importância do modo como vivemos.

Por isso, em relação à postura cristã, é bom lembrar: enquanto acreditarmos que apenas a prática de ritos em si é caminho para o eterno, estaremos praticando uma falsa religião. A humanidade de Cristo, concretizada como forma de redenção humana, muito mais que um arquétipo, nos ensina a abrir portas para o Eterno, para a Salvação. Não apenas por causa de ritos, mas pelos nossos atos: acolher e defender o mais humilde; servir o próximo com amor, lutar por igualdade e pela paz entre todos.

Em relação à morte, por mais que se busque respaldo empírico em qualquer campo do conhecimento científico, não se encontram respostas objetivas e claras a respeito da vida pós-morte, a não ser pela fé, pelo crer. É por meio deste credo professado que encontramos explicações plausíveis.

O Catecismo da Igreja Católica²⁸, ao falar sobre as celebrações litúrgicas e os funerais cristãos afirma: “O adeus (a Deus) ao defunto é sua ‘encomendação a Deus’ pela Igreja. Este é o ‘último adeus pelo qual a comunidade cristã saúda um de seus membros antes que o corpo dele seja levado à sepultura’”. Para nós que professamos uma fé, a nossa ressurreição está intimamente associada à ressurreição de Jesus; nossa participação na Eucaristia é uma prefiguração de nosso corpo glorioso em Cristo.

Ainda, em relação ao poema, há muitos aspectos de cunho social denunciados: má distribuição de terras, a promiscuidade dos grandes latifundiários, o descaso público em relação aos povos periféricos, a indústria da seca, dentre outros.



Para Sen²⁹ os acontecimentos do mundo “não resultam de descuidos ou cochilos divinos: são provocados por nós, pelo mau uso da liberdade. Se os provocamos, somos também capazes de corrigi-los”. Para ele, a pobreza vai além do baixo nível de renda; tem a ver com o baixo nível de existência pessoal, de energias corporais, espirituais, de liberdade e de autoestima. A qualidade de vida deve ser medida pela liberdade. Para ele, as metas do progresso econômico, do tecnológico e do científico devem visar ao aperfeiçoamento da pessoa humana, em sua dimensão terrena e transcendente. A produção de riquezas, os avanços científicos devem ser instrumentos para alcançar os fins humanos: isto é, o desenvolvimento do bem-estar humano.

Voltando ao Catecismo da Igreja Católica³⁰, ao referir-se à pessoa e a sociedade e à participação na vida social, lembra que a “autoridade é exercida de maneira legítima se estiver ligada à busca do bem comum da sociedade”. E define o bem comum como “conjunto de condições da vida social que permitem aos grupos e a cada um de seus membros atingirem de maneira mais completa e desembaraçadamente a própria perfeição”. Isto é; o respeito e a promoção dos direitos fundamentais da pessoa, a busca da prosperidade dos bens espirituais e temporais, da paz e da segurança do grupo e de seus membros devem ser metas constantes de todos nós. Devemos nos preocupar em conservar as instituições que aprimoram as condições da vida humana. E ao Estado cabe o dever de defender e promover o bem comum da sociedade civil.

A pessoa – unidade de corpo e alma – tem um destino imortal, é particularmente digna por deter capacidades que escapam à matéria. Esta dignidade superior fica sacramentada na autoridade da Revelação de Deus. Há que se trabalhar para que, em todos os campos sociais, cada pessoa alcance alteridade e possa sentir-se parte integrante de um processo inclusivo, acolhedor e verdadeiro, não como valorização do antropocentrismo em detrimento do teocentrismo; mas, como afirma Rahner³¹, é na busca de venerar o mundo como algo criado, querido e amado por Deus, é na busca da maturidade da relação com Deus em Jesus, Deus Filho que podemos iniciar o Reino aqui. Tal maturidade depende da nossa busca pelo desenvolvimento religioso “dentro da verdadeira graça de Deus, que age sempre de maneira distinta daquilo que podemos pensar”. É dessa forma que podemos visualizar como Deus é enamorado por este mundo.

É preciso resgatar a compaixão com paixão; é preciso deixar o verdadeiramente humano falar mais alto. A partir da gestação de uma consciência crítica, que não nos deixe dormir, antes nos tire o sono, é possível encontrar saídas e soluções fraternas realmente. Afinal, todo processo evangelizador deve envolver a promoção humana, a liberdade e a paz tão esperada.

Como cristãos católicos conscientes, devemos ter como bandeira a prática dos valores pregados pela Santa Igreja, em nossos atos e pensamentos. Com certeza, para muitas pessoas, poderemos ser motivo de chacota, mas o que importa é a coerência entre nosso falar e agir. Nossos grupos de partilha, nossas Comunidades Eclesiais de Base e pastorais são um início de caminho. Não basta acreditar que é importante praticar o bem; é preciso pedir a graça a Deus de vermos Jesus no doente solitário, no mendigo, na criança abandonada, no idoso e em todo excluído. Só a partir do amor misericordioso de Jesus



poderemos ser capazes de nos tornar, realmente, humanos no verdadeiro sentido da palavra.

Conviver com as objeções cognitivas ou práticas faz parte do saber viver. Não podemos nos esquecer de que passamos por este mundo para melhor servir ao Criador (na pessoa humana) que nos permitiu esta única passagem. É nossa chance de melhorarmos o mundo. Esta melhora não será significativa e visível a partir de um ato, mas a persistência e a teimosia em ver Jesus no nosso próximo deve povoar nosso ser e nos tornar inquietos, maravilhados com o próximo, independente de qualquer situação.

Se, para nós, a Religião é a tentativa de entender o mundo suprarreal, o transcendente, como cristãos, é preciso colocá-la em prática no verdadeiro sentido da palavra.

Por mais que pareça, não é um mundo utópico. A preocupação com nosso destino pós-morte, a luta pela diminuição das desigualdades sociais, a busca por dignidade humana, a prática do evangelho no dia a dia não são assuntos alienados ou apenas contemporâneos. Precisamos agir com nossos semelhantes como queremos que ajam conosco. O ser humano faz parte da existência de Deus, é um ser-no-mundo, é parte da Criação e como tal deve ser pensado.

Graças à inteligência e à liberdade, o ser humano tem o poder de desenvolver-se durante toda a sua vida; é um ser mutante, que pode aperfeiçoar conhecimentos, mudar de opinião. Guimarães Rosa³², em *Grande sertão: veredas*, - numa conversa entre Diadorim e Riobaldo - filósofa: “Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam.” É esta postura que nos faz convergir em direção do vir-a-ser.

No livro bíblico de Jeremias¹, quando ele desce à casa do oleiro a pedido de Deus, observando o trabalho com o barro, aprende e ensina uma linda lição a respeito do que somos e como devemos agir, quando o próprio Deus afirma: “O que é a argila em suas mãos, assim sois vós nas minhas, Casa de Israel.” Apenas precisamos deixar-nos moldar pelas mãos divinas. Há esperanças. Eis a razão dos fatos.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais mediante a versão dos monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 81 ed. São Paulo: Ave Maria, 1992.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida.** Texto conclusivo da V Conferência Geral do episcopado Latino-americano e do Caribe. 11 ed. São Paulo: Paulus, 2009.

FÄRBER, S. S. **Morte na Teologia e na Literatura.** Porto Alegre: Pallotti, 2009.

___ **Esperança.** São Leopoldo: Pallotti, 2011.

¹ Livro do profeta Jeremias 18, 1-6.



- GALEANO, E. Em defesa da palavra. **Vozes e crônicas**. São Paulo: Global/Versus, 1978.
- HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- MELO NETO, J. C. **Morte e vida Severina** e outros poemas em voz alta. 26 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- MONTAGNA, L. A. **A ética como elemento de Harmonia Social em Santo Agostinho**. 3 ed. Maringá: Vivens, 2014.
- PAGOLA, J. A. **Jesus: Aproximação Histórica**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PAPA PAULO VI. *Gaudium et Spes*. **Compêndio do Vaticano II**. 29 ed. Petrópolis, Vozes, 2000.
- PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. São Bernardo do Campo: Integraf Indústria Gráfica Ltda, 2014.
- PE LEO. **Cura dos Traumas da Morte**. 10 ed. São Paulo: Canção Nova, 2005.
- RAHNER, K. **Teologia e Antropologia**. Trad. Pe. Hugo Hassmann. São Paulo: Paulinas, 1969.
- ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. 19ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SEN, A. **O desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

* Mestre em Letras. Pós-graduanda em Teologia. Professora de Metodologia da Pesquisa no curso de pós-graduação do Centro de Estudos Teológicos “Beato Paulo VI” em Cianorte, PR. E-mail: soniadmorelli@gmail.com

** Mestre pela Pontifícia Universidade de Roma. Professor de Teologia na Faculdade Missioneira do Paraná e no Centro de Estudos Teológicos “Beato Paulo VI”, em Cianorte, PR. E-mail: ivanilpds@uol.com.br

¹ GALEANO. In *Vozes e crônicas*, 1978, p. 22.

² Livro de Daniel 12, 1-3.

³ II Livro de Macabeus 7, 14-36.

⁴ Primeira carta de São Paulo aos Coríntios 15, 12-58.

⁵ Texto de Pellá, apud Fäber, 2009, p.12.

⁶ Hutcheon, 1996, p. 19.

⁷ FÄBER, 2009, p. 17.

⁸ Pe LEO, 2005, p. 81.

⁹ Rahner, 1969, p. 13.

¹⁰ MELO NETO, 1989, 67-112.

¹¹ MONTAGNA, 2014, p. 62.

¹² MONTAGNA, 2014, p. 16-17.

¹³ Evangelho de São Lucas 2, 22-32.

¹⁴ Evangelho de São Lucas 2, 36-38.

¹⁵ Pe LEO, 2005, p. 32.

¹⁶ FÄBER, 2011, p. 66.

¹⁷ Documento *Gaudium et Spes*, apud *Compêndio do Vaticano II*, p. 166.

¹⁸ PAPA FRANCISCO, 2014, 53.

¹⁹ PAPA FRANCISCO, 2014, 53-54.

²⁰ PAPA FRANCISCO, 2014, 219.

²¹ Documento de Aparecida, 2009, p.176.

²² Exortação apostólica *Ecclesia in America*, apud Documento de Aparecida, 2009, p. 177.

²³ MONTAGNA, 2014, p. 62.

²⁴ Primeira carta de São Paulo aos Coríntios 13.

²⁵ PAPA FRANCISCO, 2014, 183.

²⁶ PAGOLA, 2013, p.515.

²⁷ RAHNER, 1969, p. 78.



²⁸ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, 1690.

²⁹ SEN, 2000, p. 305ss.

³⁰ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, 1921ss.

³¹ RAHNER, 1969, p. 52-54.

³² ROSA, 2001, p. 39.